Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.7, 2023

ISSN 2178-6925

O PENSAMENTO RACIAL COMO PROPULSOR DO RACISMO

RACIAL THOUGHT AS A PROPELLER OF RACISM

Lázaro Soares de Oliveira

Graduando em Direito, Faculdade AlfaUnipac de Teófilo Otoni – MG, Brasil

E-mail: lazarosramos18@gmail.com

Macelly Moreira Santos

Graduanda em Direito, Faculdade AlfaUnipac de Teófilo Otoni – MG, Brasil

E-mail: macellymoreira917@gmail.com

Pilatos Gusmão Leal

Graduando em Direito, Faculdade AlfaUnipac de Teófilo Otoni – MG, Brasil

E-mail: pilatosgusmao@gmail.com

Igor do Vale Oliveira

Pós-Graduado em Direito e Processo do Trabalho pela Damásio Educacional, Graduado em Direito pela Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni/MG, Advogado e Docente no Curso de Direito na Faculdade AlfaUnipac de Teófilo Otoni/MG, Brasil

E-mail: igorvale.adv@gmail.com

Resumo

O presente artigo versa sobre o pensamento racial propagado na formação e consolidação do Imperialismo, em países, como: a França, Inglaterra e Alemanha, que por conseguinte, baseou o que no período vigente o corpo social combate em diversos vieses, seja no âmbito social, jurídico, econômico ou educacional, o racismo, ideologia fundada com o preceito de dividir civilização em raças e operar com menosprezo em relação a umas e hegemonia a outras, com fulcro nas observações efetuadas por Hannah Arendt.

Palavras-chave: Pensamento racial; Racismo; Imperialismo.

ISSN 2178-6925

Abstract

This article deals with the racial thinking propagated in the formation and consolidation of Imperialism, in countries such as France, England and Germany, which therefore based what the social body fights in the current period in various biases, whether in the social sphere. , legal, economic or educational, racism, an ideology founded on the precept of dividing civilization into races and operating with contempt for some and hegemony for others, based on the observations made by Hannah Arendt.

Keywords: Racial thinking; Racism; Imperialism.

1. Introdução

Primordialmente, imprescindível ressaltar o arcabouço que baseou conflitos e solidificou tiranias de modo a influenciar não somente os intelectuais da época, mas todo corpo social da época, o racismo, diante do pensamento exposto pela autora, não se iniciou com a lastimável ascensão do nazismo, mas foi utilizado por este, desta forma, aludiu (ARENDT, 2018):

> Porque a verdade é que as ideologias racistas ingressaram no palco da política ativa no momento em que os povos europeus já haviam preparado, e até certo ponto haviam realizado, o novo corpo político da nação. O racismo deliberadamente irrompeu através de todas as fronteiras nacionais, definidas por padrões geográficos, linguísticos, tradicionais ou quaisquer outros, e negou a existência político-nacional como tal. A ideologia racial, e não a de classes, acompanhou o desenvolvimento da comunidade das nações europeias, até se transformar em arma que destruiria essas nações. Historicamente falando, os racistas, embora assumissem posições aparentemente ultranacionalistas, foram piores patriotas que os representantes de todas as outras ideologias internacionais; foram os únicos que negaram o princípio sobre o qual se constroem as organizações nacionais de povos — o princípio de igualdade e solidariedade de todos os povos, garantido pela ideia de humanidade.

Assim, deve-se trazer à baila os impactos da colonização africana, movimentação efetuada pelas potências movidas pela emergente revolução industrial que provocou uma rápida mudança no plano socioeconômico e tecnológico dos países europeus. A revolução supracitada levou a um aumento da produção, em razão do progresso na indústria ter ocorrido de forma vertiginosa em comparação ao desenvolvimento na agricultura. (AGUIAR, 2001)

Desse modo, como resultado do declínio de produção agrícola, havia o problema de como produzir alimentos suficientes ou adequados para alimentar o

crescimento rápido população urbana. Além disso, dificultou-se a procura de matéria-prima, materiais essenciais para a satisfação dos anseios das indústrias, havia, portanto, a necessidade das potências europeias, buscarem em locais alheios ao seu território a resolução desta problemática. (ARENDT, 1988):

Dessarte, como forma de encontrar uma causa social que incentivasse à toda população para apoiarem a expansão territorial dos países europeus, iniciou-se a disseminação do pensamento racial como definidor da comparação do desenvolvimento de nações em razão de outras. (AGUIAR, 2001)

O sentimento de aversão impulsionado pelas forças políticas imperialistas em relação a certas raças provocou um entendimento de dominação necessária dos povos taxados, erroneamente, como inferiores. Essa animosidade pôde levar o racista a possuir atitudes hostis em relação a determinados grupos raciais, o que se traduziria em preferências malévolas em relação a eles. (ARENDT, 1989)

Nas ocasiões em que o racista possuía a oportunidade de ferir um membro da raça odiada, a um custo relativamente baixo para si, dados os possíveis ganhos de utilidade dessa ação, o agente agiria, causando uma perda líquida de bem-estar para os outros componentes do sistema atingido, no entanto, tal atitude execrável seria justificada pelos fins, a alimentação do desenvolvimento europeu, bem como pela alegada superioridade racial do “homem branco” promovida pela Europa. (AGUIAR, 2001)

Na formação do pensamento mencionado, surge então, o termo “ideologia”, constituído após a revolução francesa, no livro Elementos da ideologia, escrito por Destutt de Tracy, acolhido pelo âmbito político, o vocábulo exemplificou uma prática atuante desde os primórdios do desenvolvimento humano, o conjunto de ideias de um período que ocasionam a formação e adequação geral de um pensamento empreendido por escalões influenciadores a um corpo social da época em questão. (ARENDT, 2014)

2. A (Des)igualdade Inglesa

Perante a conquista dos ingleses frente ao povo francês, os ideais propagados pela Revolução Francesa foram vistos com rejeição, diante da visão negativa da sociedade inglesa com os povos sobre seu poderio, desse modo, a

ISSN 2178-6925

liberdade, igualdade e fraternidade, foram subjugadas pela desigualdade social, forma de estrutura social vigente.

Considerando a cultura inglesa opositora aos “Direitos do Homem”, ideais racistas tiveram um desenvolvimento facilitado neste cenário, pois já havia a normalização de uma supremacia social de um grupo sobre outro. (ARENDT, 1989)

> A constante política da nossa constituição consiste em afirmar e assegurar as nossas liberdades como herança vinculada, que recebemos dos nossos antepassados e que devemos transmitir à nossa posteridade; como um patrimônio pertencente especialmente ao povo deste reino, sem qualquer referência a outros direitos mais genéricos e anteriores.

Desse modo, o entendimento de que a liberdade era obtida por antecessores consanguíneos, em contrariedade com o que se entende acerca da liberdade individual de cada indivíduo como direito intrínseco à sua existência.

Por outro lado, o nacionalismo inglês não obteve objeção ferrenha pois o mecanismo estrutural do estado permitia que um cidadão comum pudesse chegar ao título de lorde, por exemplo, criando uma falsa sensação de meritocracia em meio a uma sociedade de mentalidade feudal. (ARENDT, 2014)

No século XIX, ascendeu-se a teoria do darwinismo social, responsável por grande esmagadora parte da consolidação do racismo, baseava-se numa junção entre os conceitos deturpados da hereditariedade associada à evolução, apresentando a ideia de que existem raças superiores e raças inferiores, destarte, quem detinha o poder, alcançou tal posição em razão da sua superioridade hereditária. (ARENDT, 1980)

Ademais, aludiam que a aristocracia seria um produto natural da luta entre as raças, pois a mencionada seria a escolhida na seleção natural, tendo em vista a sua “pureza”. Dessa forma, pesquisadores e estudiosos ligados à áreas biológicas passaram a versar sobre a política e a estrutura social, resumindo o ser humano a uma interpretação animalesca baseada em pensamentos raciais. (ARENDT, 2014)

E exatamente na busca pelo vencedor dessa luta entre às raças, deu-se a falsa conclusão de que o homem inglês o seria, como descreveu Hannah (1989):

> O aspecto mais perigoso dessas doutrinas evolucionistas estava no fato de aliarem o conceito da hereditariedade à insistência nas realizações pessoais e nos traços de caráter individuais, tão importantes para o amor-próprio da

ISSN 2178-6925

> classe média do século XIX. Essa classe média queria cientistas que provassem que os "grandes homens" e não os aristocratas eram os verdadeiros representantes da nação em que se personificava o "gênio da raça". Esses cientistas proporcionaram uma fuga ideal da responsabilidade política quando "provaram" a verdade da antiga afirmação de Benjamim Disraeli de que o "grande homem" é "a personificação da raça, o seu exemplar seleto". O desenvolvimento desse gênio teve o seu fim lógico quando outro discípulo do evolucionismo simplesmente declarou: "O inglês é o Homem Superior (Overman), e a história da Inglaterra é a história da sua evolução".

Dessarte, assim consolidou-se o pensamento racial no território inglês, algo que, travestido de uma nacionalidade ou desigualdade normalizada, num futuro próximo seria o início ou primeiras influências de uma ideologia racista que transpassa os séculos, com suas consequências deploráveis, até o período vigente.

3. As Vertentes Francesas

Anteriormente à explícita disseminação e interferências a nível mundial da ideologia do racismo, entre a monarquia francesa nascia um interesse sobre possíveis diferenças entre os seres habitantes do território francês e exterior no que diz respeito às suas origens.

O corpo social francês do século XVIII, vivenciava naquele período os resultados da revolução francesa, especificamente dos três temas da tríplice frase lema do levante, a liberdade, a igualdade e a fraternidade, no entanto, é neste cenário que os pensamentos raciais têm uma de suas gêneses. (ARENDT, 1980)

Com a finalidade de separar o que era da "realeza", do restante da sociedade da época, com o intuito de demonstrar a hegemonia dos líderes e concretizar o seu poderio político, nesse exato sentido, articulou o conde de Boulainvilliers, redigindo uma história francesa antes desconhecida, na qual dispunha da "nobreza" como um povo descendente dos germânicos, que, por intermédio de sua força, pleitearam o comando de povos mais antigos da região, os gauleses, aflorando, assim, o seu "direito de conquista". (ARENDT, 1980)

Desse modo, disseminou pela população francesa o entendimento de que a "nobreza" vigente possuía o direito de dominação sobre o restante do povo, em razão de originarem-se de um grupo de indivíduos que supostamente vieram de uma região

especifica, fundando assim, o pensamento de distinção racial, no qual o mais forte deveria reinar sobre o mais fraco. (ARENDT, 1980)

Mesmo havendo considero preconceito de um povo em relação a outro, *Boulaivilliers* sustentava-se em uma projeção histórica, territorial, independente da análise de sua veracidade, não era uma diferenciação baseada em uma estrutura física, no entanto, esta seria uma prévia, do que posteriormente, viria a ser uma justificativa fajuta para a realização de massacres. (AGUIAR, 2001)

Com o surgimento da necessidade de refúgio da nobreza, pela perseguição provinda da revolução francesa, promovida pela burguesia e população em oposição aos privilégios que o absolutismo obtinha, alguns componentes da "realeza" tiveram que se abrigar na Alemanha e Inglaterra. Neste exato momento, os pensamentos antes somente ligados a questões territoriais e originárias, encontraram utilidade diversa da antes pretendida, a possibilidade de tornar-se uma arma política, para motivar mentes a se oporem a outros grupos sociais. (ARENDT, 1980)

Assim, instaurou-se o ideal de que as origens do povo francês e da nação alemã eram congruentes, como finalidade para a união de uma nobreza mais fortificada, contra grupos sociais "mais fracos" e "não livres por nascimento, conforme aludido por Hannah Arendt (1980):

> Assim, segundo ele, as classes inferiores da França, embora já não fossem escravas, não eram livres por nascimento mas por af ranchissement, ou seja, pela graça daqueles que — estes sim — eram livres por nascimento: a nobreza. Alguns anos mais tarde, os exilados franceses realmente tentaram organizar uma Internationale de aristocratas para estrangular de antemão a revolta daqueles que desprezavam, considerando-os um grupo estrangeiro escravizado.

Desta feita, anos depois, mesmo após o nascimento da oposição a esse pensamento racial, provocado pela derrocada do Sacro Império Romano-Germânico, a França, em meados dos anos 40, no século XIX, deu continuidade à distinção, baseada em preconceito racial, entre a "nobreza germânica" e a "burguesia celta".

Nesse cenário, destacou se o conde de Gobineau, que defendia que a miscigenação iria prejudicar a raça ariana com sua mistura, e por conseguinte, no declínio da humanidade.

Além disso, foi o responsável pelo discurso de que o Brasil, quanto nação, seria extinto em 270 anos, visto que tinha uma grande variedade de povos de

diversas origens, e a contragosto foi enviado para o território brasileiro como representante de seu país, posição que utilizou como mecanismo para disseminar seus ideais racistas, que num futuro próximo seria serventia para as teorias hegemônicas racistas do Nazismo. (AGUIAR, 2001)

Em sua obra *Essai,* aproximou-se intimamente do desejo em estudar e apresentar aos leitores o declínio das civilizações, contudo, apresenta como característica científica das derrocadas dos povos, os cruzamentos raciais, demonstra as grandes ruínas de sociedades, como a indiana, egípcia, assíria, grega, chinesa, romana e germânica e as civilizações pré-colombianas, atribuindo a esses colapsos à miscigenação dos povos, apontando como consequência direta ao retrocesso civilizacional. (GAHYVA, 2011)

4. O Racismo como Arma Bélica

A derrota da nação alemã, naquele momento representada pelo exército prussiano, diante da frente imponente de Napoleão, não somente causou a divisão do povo alemão, como também plantou sementes no que antes era somente um pensamento racial, pois encontraram como caminho viável o estímulo de uma nacionalidade estruturada, para a união da população em contraste ao domínio estrangeiro. (ARENDT, 1989)

Deste modo, diferentemente da nação francesa, na Alemanha os ideais separatistas não se desenvolveram pela nobreza daquela região, pelo contrário, houve a difusão em todo povo, com a finalidade de plantar em cada mente a ideia de uma origem em comum, para promover a unidade nacional. (ARENDT, 1989)

A medida de utilização do nacionalismo alemão excedeu de tal forma que o mesmo deu início a uma era racista, que na época os historiadores tinham dificuldade de diferenciar o patriotismo que tinha o objetivo de unir o povo, com o racismo, que tinha a finalidade de pregar uma supremacia separatista.

O que antes, para os pesquisadores, observadores e os participantes daquela ideologia da época se resumia em um sentimento de amor a pátria, décadas depois, seria constatado a execrável utilidade e a verdadeira concepção do que estava sendo difundido.

Nesse mesmo sentido asseverou Arendt (1989):

ISSN 2178-6925

> A ideologia racista alemã acompanhou as longas e frustradas tentativas de unir os numerosos Estados alemães; permaneceu — pelo menos em seus estágios iniciais — tão intimamente ligada a sentimentos nacionais que se tornou difícil distinguir na Alemanha o mero nacionalismo do racismo declarado. Sentimentos nacionais inofensivos eram expressos em termos que hoje sabemos racistas, de modo que até mesmo os historiadores que identificaram o racismo alemão do século XX com a linguagem peculiar do nacionalismo alemão são levados a confundir o nazismo com o nacionalismo alemão, contribuindo desse modo para que se subestime a extraordinária atração que a propaganda de Hitler exerceu internacionalmente. As peculiares condições do nacionalismo alemão só mudaram após 1870, quando o país se unificou e o racismo alemão, juntamente com o imperialismo alemão, pôde se manifestar integralmente. Desde então, porém, várias características diferentes modificaram o pensamento racista na Alemanha, tornando-o ideologicamente específico.

Outrossim, outra característica marcante na ascensão do nacionalismo alemão, era o fator que o surgimento ocorreu do povo em si com a finalidade de unir toda a nação, sem que houvesse uma oposição de um grupo social contra outro, como aconteceu com a burguesia e a nobreza francesa, desse modo, a ausência de divergências sócio-políticas, influenciaram na reestruturação do povo de forma unificada.

Até então, bastava-se apenas o entendimento de uma origem comum, como mecanismo de agregar a população, no entanto, a partir de 1814, o discurso anteriormente difundido passou a ser transferido para uma compreensão fisiológica, como familiaridades sanguíneas e sem misturas, consolidando estes ideais, como exposto por Hannah Arendt:

> A definição orgânica e naturalista da origem dos povos é uma das principais características das ideologias historicistas alemãs. Não obstante, não constitui ainda o verdadeiro racismo, pois mesmo aqueles que se utilizavam da terminologia racial defendiam com ela o conceito da genuína nacionalidade, que é o princípio da igualdade dos povos. Assim, no mesmo artigo em que compara as leis dos povos com as leis do mundo animal, Jahn insiste em que na genuína e equitativa pluralidade dos povos e em sua completa multitude se encontra a única forma de realização dos anseios da humanidade. E Arndt, que mais tarde expressaria forte simpatia pelos movimentos de libertação nacional dos poloneses e italianos, exclamou: “Maldito aquele que subjugar e dominar povos estrangeiros”. Uma vez que os sentimentos nacionais alemães não haviam resultado do genuíno desenvolvimento nacional, mas foram simples reações contra a ocupação estrangeira, as doutrinas nacionais tinham um caráter negativo peculiar, destinavam-se a erguer um muro em torno do povo, a atuar como substitutos de fronteiras que não podiam ser definidas com clareza pela geografia ou pela história. (AGUIAR, 2001)

ISSN 2178-6925

Portanto, o surgimento e instauração que perdura até o período vigente, da ideologia das raças, armou diversos tiranos durante a história da humanidade, com o fim de dominarem e propagarem o seu poder de modo influente aos povos em que lideravam, a exemplo, o hitlerismo, ideais impostou à sociedade alemã, por um tirano, Adolf Hitler, como modo de justificar um avanço territorial formado por uma série de massacres de povos tidos como inferiores diante da visão empenhada. (ARENDT, 1988)

Com o pensamento já formado dos grupos europeus acerca da ideologia das raças, a utilização da opinião pública foi essencial para a solidificação do “modo de pensar alemão”, desta feita, foi visualizado pelos líderes políticos, o racismo, como uma oportunidade descomunal, para a união da população alemã, contra um inimigo criado pelo hitlerismo. (DUMONT, 1993)

A ideologia do racismo, no período de sua formação, inspirou pesquisadores científicos, como também historiadores, com a finalidade de apresentar a população tanto explicações científicas que demonstrassem a veracidade das atrocidades realizadas, como também das pretendidas, quanto a exposição de causas históricas que justificassem a hegemonia de um povo em relação a outro. (DUMONT, 1993)

Contudo, as tentativas de fundamentação dos ideais racistas, compunham tão somente um arcabouço intelectual fajuto para a utilização de tal ideologia como armamento político, para transformar o corpo social em uma massa de manobra.

5. Considerações Finais

Destarte, vislumbra-se que a ideologia do racismo não instaurou-se, por intermédio de uma fundação autêntica e individual, pelo contrário, por meio da influência de pensamentos raciais, que criaram a ideia de divisão da civilização em raças humanas, e a classificação como inferiores e superiores, como também pela exemplificação errônea de que os que no momento em que viviam detinham o poder, isto perpassava diante de uma herança na qual seus antepassados representavam a raça mais forte, e consequentemente a que vencera perante um cenário de seleção natural. (MACRIDIS, 1982)

Ademais, em consequência a este discurso pregavam que a identificação das “raças inferiores” ocasionava o dever de dominação e da organização de um

novo modo de vida a aqueles grupos, que fosse estabelecida de acordo com a estrutura social imposta pelos conquistadores, na qual eles eram os superiores em relação aos conquistados. (DUMONT, 1993)

Além disso, concomitante à essa ideia de que existiam grupos humanos mais fortes que outros, de acordo com características fisiológicas, também se difundiu o pensamento de que os povos que tinham em sua formação a mistura de muitas origens, ou seja, miscigenados, seria uma sociedade fragilizada. (DUMONT, 1993),

Portanto, acreditava-se, que tanto os povos não “puros” eram fracos, quanto os grupos sociais miscigenados eram inferiores, e baseando-se nestes preceitos, diversas sociedades foram atacadas deploravelmente, em nome do que hoje conhecemos como racismo, no entanto, à época era propagado como nacionalismo ou dever de levar aos povos inferiores o desenvolvimento.

Referências

AGUIAR, Odílio alves. **Filosofia e política no pensamento de Hannah Arendt**. Fortaleza: EUFC, 2001.

AGUIAR, Odílio alves. et ali (org.). **Origens do totalitarismo 50 anos depois**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. 11. Ed Rio de Janeiro: Forense, 2014.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. 8. ed. Lisboa: Dom Quixote, 2018.

ARENDT, Hannah. **Da revolução**. Tradução de Fernando Dídimo Vieira. São Paulo: Ática-UnB, 1980.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 1988.

DUMONT, Louis. **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Tradução de Maria Philbert. Rio de Janeiro: Rcco, 1993.

GAHYVA, Helga da Cunha**. A epopeia da decadência:** um estudo sobre o Essai sur l'inégalité des races humaines (1853-1855), de Arthur de Gobineau. 2011. Disponível em: </https://www.scielo.br/j/mana/a/MdxSHXKWMhwDFsR8PBXHD7q/>

MACRIDIS, Roy. **Ideologias políticas contemporâneas**. Tradução de Luis de Moura e Maria de Moura. Brasília: UnB, 1982.